

MENSAGEM - Fernando Pessoa

PROF. JORGE ALBERTO

1. CONTEXTO DO MODERNISMO PORTUGUÊS

O Modernismo português deve ser compreendido a partir do final do século XIX, que traz a marca da crise da monarquia, o avanço do pensamento republicano, a crise econômica e, principalmente, o Ultimato Inglês (1890). Portugal enfrentava ainda sérios problemas para manter suas colônias. Em fevereiro de 1908, o rei D. Carlos e o príncipe herdeiro D. Luís Filipe foram assassinados por um popular. Assumiu D. Manuel II, que permaneceu no poder até 1910, quando foi proclamada a República. Nos dez primeiros anos, a jovem República enfrentou sucessivas crises, agravadas por problemas com as colônias africanas. No plano externo, temos uma nova situação mundial como a I Guerra (1914-1918), a Revolução Russa (1917) e a afirmação dos Estados Unidos da América no cenário internacional. Em 1926, uma facção da extrema direita, formada por integralistas, tomou o poder através de um golpe militar. Dois anos mais tarde (1928), teve início a ditadura fascista de Antônio de Oliveira Salazar (o **Salazarismo**), que se prolongou até 25 de abril de 1974, com a chamada Revolução dos Cravos.

1.1. CONTEXTO LITERÁRIO DO MODERNISMO (1915 – 200?)

O **Modernismo português** nasce num contexto de renovação política e do ressurgimento do nacionalismo lusitano, gerando duas correntes: os **saudosistas** e os **integralistas de mentalidade fascista**. Pregava-se uma volta ao passado, invocando-se o Império, o Sebastianismo, as glórias de Os Lusíadas e as Grandes Navegações. A literatura modernista dá sua contribuição procurando atualizar o país em relação às renovações artísticas que surgem em toda a Europa.

O marco inicial do Modernismo português foi a publicação da revista **ORPHEU**, em 1915, antenada com as vanguardas européias, tendo como responsáveis Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros, Luís de Montalvor, o brasileiro Ronald de Carvalho e outros. Cronologicamente, a poesia de Florbela Espanca filia-se à Primeira Geração.

Nos dias atuais, o interesse despertado pela obra de **Fernando Pessoa** domina a **Geração da Revista Orpheu** (o **Orphismo**), a **Primeira Geração (1915-1927)**, mas também merecem destaque Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros.

A **Segunda Geração**: Revista **Presença** (o **Presencismo** 1927-1940) de autores como: José Régio, Branquinho da Fonseca, Antônio Boto, Miguel Torga...

A **Terceira Geração** é chamada de **Neo-Realismo**, um movimento literário que combate o fascismo e propõe uma literatura social, documental, combativa e reformadora. O Neo-Realismo situa-se aproximadamente entre 1936 e 1950. Ferreira de Castro é o grande precursor com o seu romance *A Selva*. A influência de Ferreira de Castro, as teorias marxistas, o romance social norte-americano e de escritores regionalistas brasileiros, sugerem aos escritores portugueses os traços mais definidores. Em 1940 é publicado o romance "Gaibéus", de Alves Redol, que oficializa o Neo-Realismo em Portugal. Outros autores ligados aos ideais neo-realistas: Manuel da Fonseca, Soeiro Pereira Gomes, Fernando Namora, Carlos de Oliveira, Joaquim Paços D'Arco...

Há muitas divergências na delimitação do Neo-Realismo, alguns apontam o fim do movimento em 1968; outros, em 1974, quando finda a ditadura salazarista, e, há alguns que reconhecem traços neo-realistas em autores contemporâneos. Nesse período foram surgindo novas formas e correntes literárias apoiadas no Surrealismo (tardio), no Existencialismo, no Concretismo, no *nouveau roman*, nas linguagens do cinema e da pintura, realismo fantástico ou realismo mágico, enfim, todas as técnicas da arte contemporânea. Autores mais representativos da **Literatura Portuguesa Contemporânea**: Agustina Bessa Luís, Herberto Helder, José Cardoso Pires, Eugênio de Andrade, Vergílio Ferreira, Antônio Lobo Antunes, Lídia Jorge, Ernesto Mello e Castro, David Mourão-Ferreira, Alexandre O'Neill, Jorge de Sena, Sofia de Mello Breyner Andresen, Fernanda Botelho, e, enfim, o mais destacado autor contemporâneo, Prêmio Nobel de Literatura de 1998, **JOSÉ SARAMAGO**.

2. RESUMO BIOGRÁFICO

FERNANDO ANTÔNIO NOGUEIRA PESSOA nasceu em Lisboa em 13 de junho de 1888 (dia de COLÉGIO PRO CAMPUS – A PAZ ESTÁ NA BOA EDUCAÇÃO – www.procampus.com.br

Santo Antônio, padroeiro da cidade). Faleceu na mesma cidade em 30 de novembro de 1935. Filho de Joaquim de Seabra Pessoa, modesto funcionário público, homem culto e crítico de música e teatro. Perdeu o pai quando contava cinco anos de idade, em 1893; dois anos depois, a mãe, Maria Magdalena Pinheiro Nogueira, uma senhora cultíssima, casou-se com o comandante João Miguel Rosa, que logo é designado para cônsul em Durban, África do Sul.

Na África do Sul, Fernando Pessoa recebeu formação escolar segundo os padrões britânicos: aos 10 anos, ingressou na escola de West Street e obteve a equivalência de cinco anos letivos em apenas três meses; dois anos depois, estava na Durban High School. Foi nesse período que começou a escrever poesias na língua inglesa. Ganhou o prêmio Rainha Vitória. Em 1902, cursou a Commercial School para prestar os exames da Universidade do Cabo da Boa Esperança, onde cursou por dois anos.

Foi em Durban que Pessoa adquiriu a base de sua cultura literária: Milton, Shelley, Keats, Shakespeare, Tennyson, Pope e outros, além de uma sólida base em cultura clássica, já que o Latim e o Grego eram matérias obrigatórias do currículo, com o mesmo peso das línguas modernas. Foi aí também, e em língua inglesa, naturalmente, que escreveu os primeiros poemas e criou seus primeiros esboços de heterônimos.

Foi ainda em Durban que Pessoa percebeu a realidade palpável de um grande e poderoso império, o *British Empire*. Isso é decisivo para o futuro autor de **Mensagem**. Mais tarde o poeta perceberá que não pertencia a esse domínio e se dará conta de que essa gloriosa imagem de um império “onde o sol jamais se põe” um dia fora de Portugal, mas hoje... “Ó Portugal, hoje és nevoeiro”.

Em 1905, com 17 anos, Fernando Pessoa retornou sozinho a Lisboa e matriculou-se no Curso Superior de Letras, que abandonou depois de um ano (por conta própria estudava os filósofos gregos e alemães). Pessoa redescobre sua cultura e sua literatura. Nessa época, passou a ler exaustivamente os clássicos portugueses: Cesário Verde, Antônio Nobre, Antero de Quental, Camilo Pessanha e, claro, acima de todos, Camões. Escreveu em língua inglesa ainda por algum tempo; começou a produção na língua pátria e tornou-se correspondente estrangeiro, profissão que seguiu até o fim da vida.

A partir de 1909, Pessoa iniciou uma produção poética em francês, sob a influência dos simbolistas; fez traduções e colaborou em revistas literárias e atuou como crítico em *A Águia (1910-1932)*, órgão de expressão e propaganda dos poetas do movimento chamado *Renascença Portuguesa*, dirigida por Teixeira de Pascoais, sob influência de quem, provavelmente, embuiu-se do espírito nacionalista e visionário presente em muitos de seus textos, chegou a mencionar, em 1912, o surgimento de um “supra-Camões”, isto é, um superpoeta. Segundo Pessoa, a poesia do supra-Camões será metafísica e religiosa, mas sua religiosidade não seria tradicional, isto é, a católica de Camões, mas uma religiosidade nova. Fundou, com outros escritores, a revista *Orpheu (1915, somente dois números circularam, o terceiro ficou no prelo)*. A partir daí, teve intensa vida boêmia (grande conversador de bar), homem de vida irregular, cortês, elegante, solitário, trocando experiências artísticas e intelectuais com amigos e cultivando uma cirrose que mais tarde o mataria.

Em março de 1920, Fernando Pessoa conheceu, no escritório em que era correspondente, a datilógrafa Ophélia Queirós, a única namorada do escritor de que se tem notícia. O namoro foi breve, durou até novembro, mas houve uma intensa troca de correspondência. Nesse mesmo ano, Pessoa sofreu grave crise depressiva e internou-se em uma casa de saúde.

Alguns anos depois, fundou a *Editora Olisipo* e a revista *Athena*; reatou o namoro com Ophélia, dessa vez por dois anos; e voltou a sofrer várias crises depressivas.

Em 28 de novembro de 1935, foi internado no Hospital de São Luís dos Franceses, onde veio a falecer dois dias depois, às oito e meia da noite. Suas últimas palavras foram escritas em inglês num pedaço de papel: “**I know not what tomorrow will bring**” (Eu não sei o que o amanhã me reservará).

2.1 FERNANDO PESSOA – HETERONÍMIA: *DRAMA EM GENTE*

Fernando Pessoa é o mais importante poeta do Modernismo português e um dos três maiores poetas da língua portuguesa (Camões e Carlos Drummond de Andrade). Um dos mais extraordinários poetas do Ocidente, apesar de parte de sua produção ter permanecido inédita, guardada numa arca que só foi aberta em 1985 (50 anos depois de sua morte, como era da vontade do escritor), o que até agora foi publicado é mais do que suficiente para avaliar a grandeza de seu gênio.

Fernando Pessoa, confessando-se “*histero-neurastênico, com uma tendência orgânica constante para despersonalização e simulação*”, não foi apenas um genial e raro poeta, mas vários: um verdadeiro caleidoscópio poético. Seu projeto de arte era tão vasto que, despojando-se do eu pessoal, criou várias entidades poéticas; várias *personas* (personalidades) poéticas, com biografia, traços físicos, formação cultural, profissão, ideologia e estilo próprio. Ao todo foram mais de setenta os **heterônimos** desenvolvidos, semidesenvolvidos ou apenas esboçados, desde o primeiro Chevalier de Pas, personagem inventado aos

quatro anos de idade; depois Alexander Search e Robert Anon, da fase adolescente. É importante não confundir **heterônimo** com **pseudônimo**. Pseudônimo é outro nome, um nome falso para a mesma personalidade, um disfarce, sob o qual alguém se esconde.

Os três mais destacados **heterônimos** foram: **Alberto Caeiro** – a poesia da sensação (“pensa” com os sentidos) e do objetivismo absoluto; menos culto e o mais simples, criado no campo (pastor pagão), antiintelectualista, morreu tuberculoso em 1915. É tido pelos outros como mestre. **Ricardo Reis** – discípulo de Caeiro, é considerado um neoclássico; (“pensa” com a razão) representa o viés clássico da obra de Fernando Pessoa. Reis era monarquista e médico, educado em colégio de jesuítas, amante das culturas grega e latina. Exilou-se no Brasil. **Álvaro de Campos** – engenheiro naval formado em Glasgow (Escócia), é o mais antenado com a tendência modernista, principalmente o Futurismo; de espírito cosmopolita e inquieto (“pensa” com a emoção), dinâmico, de temperamento tenso e explosivo.

2.2. FERNANDO PESSOA: O POETA ORTÔNIMO OU “ELE-MESMO”

Costumamos estudar a obra assinada por Fernando Pessoa ele-mesmo – ou Fernando Pessoa ortônimo – escrita em língua portuguesa em duas linhas: a **poesia saudosista-nacionalista** e **poesia lírica**.

A **poesia lírica**, reunida até o presente, está nos volumes *Cancioneiro* e *Quadras ao gosto popular* os mais conhecidos. O poeta retoma vários temas, ritmos e formas tradicionais e populares do lirismo português. A produção ortônima apresenta-se multifacetada (o poeta “pensa” com a imaginação): reflexões sobre a própria arte poética e sobre o papel do artista; o mistério da existência, o eterno desconforto de uma alma em desamparo, solidão e tédio; o destino cósmico do ser humano, ânsia de infinito, de absoluto; remessa a uma outra realidade, oculta, invisível; análise de emoções em poemas breves, sutis e complexos; falta de impulsos afetivos por nada esperar da vida; a natureza e a realidade do EU.

A **poesia saudosista-nacionalista** tem seu ponto máximo no livro **Mensagem**, publicado em 1934, única obra em língua portuguesa organizada e publicada pelo poeta, com poemas datados a partir de 1913. Um livro de 44 poemas, formando um só poema, sobre o tema da pátria, misturando elementos **épicos** e **líricos**, em linguagem propositalmente arcaizante. Dos 44 poemas, 22 são formados por estrofes uniformes, constituídas por versos que têm o mesmo número de sílabas; na outra metade, as estrofes alternam, regularmente, versos de dez e versos de seis sílabas, ou versos de oito e de quatro. Em sua quase totalidade, os versos de **Mensagem** são rimados e o predomínio absoluto é para as rimas alternadas. O livro é uma verdadeira polifonia multifacetada, em face do andamento uniforme da epopéia camoniana.

No Classicismo (séc.XVI), Camões publica **Os Lusíadas** que contém o passado nacional como algo irreversível, como definitivo cumprimento das possibilidades históricas de Portugal. É um poema narrativo que conta a História de Portugal de maneira ordenada e de estrutura uniforme. **Mensagem** não é uma obra narrativa, não conta passagens da História portuguesa. O poeta faz referências a fatos e personagens históricos, às vezes de forma indireta e metafórica, às vezes só nos títulos dos poemas. A obra sugere uma releitura da História de Portugal em três fases: **ascensão**, **apogeu**, **declínio**.

Mensagem é a plena reabsorção da História de Portugal pelo mito, portanto, um poema nacionalista místico que faz uma releitura de Portugal. Mais do que um livro de caráter nacionalista, a obra ganha dimensões universais ao sondar o enigma da condição humana. O livro une os extremos: o particular, a história de Portugal, e o universal. Os fatos grandiosos e os atos heróicos não passam de indícios de uma vontade maior. O herói é um agente involuntário da história. Os fatos grandiosos e os atos heróicos não passam de indícios de uma vontade maior, muitas vezes designada pela palavra **Deus** – uma metáfora da auto-superação humana, o impulso que move o homem para a ascensão espiritual.

Mensagem é uma concepção **metafísica** da História, que sublinha a pequenez, as limitações e a inconsciência do ser humano. O herói aparece como um indivíduo que age às cegas, mero instrumento de uma vontade superior: “Deus é o agente”, que o homem não alcança e não compreende. A complexidade dessa obra enigmática é o homem e suas potencialidades.

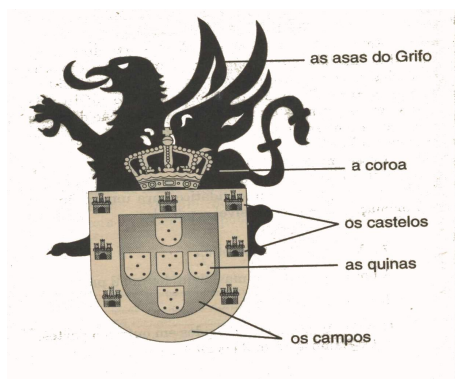
Mensagem é a retomada da epopéia nacional à luz da modernidade. É uma revisitação de **Os Lusíadas**, mas pelo elemento hermético, paradoxal, esotérico, ocultista, mítico, espiritualista, místico, cosmopolita, nacionalista-saudosista, principalmente, o messianismo-sebastianista.

O livro se chamava **Portugal** e concorreu a um prêmio instituído pelo governo com o nome **Mensagem**. Foi inscrito no concurso “Antero de Quental”, instituído pelo Secretariado de Propaganda Nacional em 1934, (Estado Novo salazarista), recebeu o “o prêmio de segunda categoria”, preterido por uma tal *Romaria*, de Vasco Reis, que o tempo jogou na lixeira.

3. MENSAGEM

3.1 A ESTRUTURA DO LIVRO

A obra possui 44 poemas agrupados em 3 partes:



PARTE		POEMAS
1. BRASÃO	I. Os Campos	Os castelos
		O das quinas
	II. Os Castelos	1) Ulisses
		2) Viriato
		3) O conde D. Henrique
		4) D. Tareja
		5) D. Afonso Henriques
		6) D. Dinis
		7 a) D. João, o primeiro
		7 b) D. Filipa de Lencastre
	III. As Quinas	D. Duarte, rei de Portugal
		D. Fernando, infante de Portugal
		D. Pedro, regente de Portugal
		D. João, infante de Portugal
		D. Sebastião, rei de Portugal
	IV. A Coroa	Nunálvares Pereira
		A cabeça do grifo / O infante D. Henrique

		Uma asa do grifo / D. João, o segundo
		A outra asa do grifo / Afonso de Albuquerque
2. MAR PORTUGUEZ		O infante
		Horizonte
		Padrão
		O monstrengo
		Epitáfio de Bartolomeu Dias
		Os colombos
		Ocidente
		Fernão de Magalhães
		Ascensão de Vasco da Gama
		Mar Portuguez
		A última nau
		Prece
3. O ENCOBERTO	I. Os Símbolos	D. Sebastião
		O Quinto Império
		O Desejado
		As Ilhas Afortunadas
		O Encoberto
	II. Os Avisos	O Bandarra
		Antônio Vieira
		Terceiro
	III. OS TEMPOS	Noite
		Tormenta
		Calma
		Antemanhã
		Nevoeiro

1ª PARTE: **BRASÃO** - "*Bellum sine bello*" (guerra sem guerra)

O autor toma como referencial o brasão real português e evoca as origens e a formação de Portugal até o início da expansão marítima mar afora. Portanto, é a fase da definição da nacionalidade.

2ª PARTE: **MAR PORTUGUÊS** - "*Possessio maris*" - (posse dos mares)

O poeta volta o leitor para o tempo das Grandes Navegações: o apogeu da história lusitana, e a amplidão marítima.

3ª PARTE: **O ENCOBERTO** - "*Pax in excelsis*" (paz nas alturas)

O poeta evoca D. Sebastião, o mito sebastianista e a crença no Quinto Império. A visão sebastianista

COLÉGIO PRO CAMPUS – A PAZ ESTÁ NA BOA EDUCAÇÃO – COMENTÁRIOS DE OBRAS UESPI

é de tudo aquilo que o jovem rei representou: os sonhos de grandeza, de expansão do cristianismo e, sobretudo, as conquistas ultramarinas.

Cada poema parece criar um clima de magia em torno de presságios e adivinhações. O **vate** se volta para as indagações e as visões proféticas do que está por vir. Daí o tom enigmático por conta do desencanto e expectativas da atualidade.

3.2 TEXTOS PARA COMENTÁRIOS

PRIMEIRA PARTE: BRASÃO

(Bellum sine bello: guerra sem guerra)

I. OS CAMPOS

PRIMEIRO /O DOS CASTELOS

A Europa jaz, posta nos cotovelos:
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,
E toldam-lhe românticos cabelos
Olhos gregos, lembrando.

O cotovelo esquerdo e recuado;
O direito é em ângulo disposto.
Aquele diz Itália onde é pousado;
Este diz Inglaterra onde, afastado,
A mão sustenta, em que se apóia o rosto.
Fita, com olhar esfíngico e fatal,
O Ocidente, futuro do passado.

O rosto com que fita e Portugal.

III. AS QUINAS

QUINTA / D. SEBASTIAO, REI DE PORTUGAL

Louco, sim, louco, porque quis grandeza

Qual a Sorte a não dá.

Não coube em mim minha certeza;

Por isso onde o areal está

Ficou meu ser que houve, não o que há.

Minha loucura, outros que me a tomem

Com o que nela ia.

Sem a loucura que é o homem

Mais que a besta sadia,

Cadáver adiado que procria?

SEGUNDA PARTE: MAR PORTUGUEZ

(Possessio maris: a posse do mar)

O INFANTE

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.

Deus quis que a terra fosse toda uma,

Que o mar unisse, já não separasse.

Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,

E a orla branca foi de ilha em continente,

Clareou, correndo, até ao fim do mundo,

E viu-se a terra inteira, de repente,

Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou criou-te português.

Do mar e nós em ti nos deu sinal.

Cumpriu-se a Mar, e o Império se desfez.

Senhor, falta cumprir-se Portugal!

PADRAO

O esforço é grande e o homem é pequeno.

Eu, Diogo Cão, navegador, deixei

Este padrão ao pé do areal moreno

E para diante naveguei.

A alma é divina e a obra é imperfeita.

Este padrão sinala ao vento e aos céus

Que, da obra ousada, é minha a parte feita:

O por-fazer é só com Deus.

E ao imenso e possível oceano

Ensinam estas Quinas, que aqui vês,

Que o mar com fim será grego ou romano:

O mar sem fim é português.

E a Cruz ao alto diz que o que me há na alma

E faz a febre em mim de navegar

Só encontrará de Deus na eterna calma

O porto sempre por achar.

MAR PORTUGUEZ

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abysmo deu,
Mas nelle e que espelhou o céu.

TERCEIRA PARTE: O ENCOBERTO (Pax in Excelsis: paz nas alturas)

I – OS SÍMBOLOS

PRIMEIRO / D. SEBASTIÃO

Esperai! Caí no areal e na hora adversa
Que Deus concede aos seus
Para o intervalo em que esteja a alma imersa
Em sonhos que são Deus.

Que importa o areal e a morte e a desventura
Se com Deus me guardei?
É O que eu me sonhei que eterno dura,
É Esse que regressarei.

TERCEIRO / O DESEJADO

Onde quer que, entre sombras e dizeres,

Jazas, remoto, sente-te sonhado,
E ergue-te do fundo de não-seres
Para teu novo fado!

Vem, Galaaz com pátria, erguer de novo,
Mas já no auge da suprema prova,
A alma penitente do teu povo
À Eucaristia Nova.

Mestre da Paz, ergue teu gládio unguido,
Excalibur do Fim, em jeito tal
Que sua Luz ao mundo dividido
Revele o Santo Gral!

III – OS TEMPOS

QUINTO / NEVOEIRO

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,
Define com perfil e ser
Este fulgor baço da terra
Que é Portugal a entristecer -
Brilho sem luz e sem arder,
Como o que o fogo-fátuo encerra.

Ninguém sabe que coisa quer.
Ninguém conhece que alma tem,
Nem o que é mal nem o que é bem.
(Que ânsia distante perto chora?)
Tudo é incerto e derradeiro.
Tudo é disperso, nada é inteiro.
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...

É a Hora!
Va/ete, Fratres.

